

O LIVRO DE ZENÓBIA E ESSA COISA VIVA: UMA LEITURA ECOCRÍTICA DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE MARIA ESTHER MACIEL

O LIVRO DE ZENÓBIA AND ESSA COISA VIVA: AN ECOCRITICAL READING OF MARIA ESTHER MACIEL'S LITERARY PRODUCTIONS

Nathalia Vitória Reinehr

Mestranda em Aquisição e Variação da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: nathaliavreinehr@gmail.com

Wendel Wickboldt Buchweitz

Mestre em Literatura, cultura e tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: contatowendelwb@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3301-5247>

Alfeu SpareMBERger

Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Magistério Superior no Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: alfeu.sparemberger@ufpel.edu.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6003-6353>

RESUMO: Este artigo analisa, sob a perspectiva ecocrítica, os elementos naturais presentes nas obras *O livro de Zenóbia* (2004) e *Essa coisa viva* (2024), da autora brasileira Maria Esther Maciel. O estudo investiga de que forma a autora dá voz e singularidade aos elementos naturais e estabelece uma inter-relação entre o meio ambiente e as experiências, emoções e memórias humanas. A partir de uma abordagem teórica fundamentada nos preceitos ecocríticos de Garrard (2006), Buell (1995; 2005) e Mukherjee (2010), além da noção de memória ambiental de Yi-Fu Tuan (1980) e Devos (2008), o trabalho observa como plantas, frutas, paisagens e até animais não apenas compõem o cenário narrativo, mas moldam a construção das personagens e o desenvolver dos enredos. Em *O livro de Zenóbia*, listas de plantas ameaçadas de extinção são apresentadas, ampliando a consciência ecológica, enquanto que as descrições minuciosas de elementos naturais reforçam a interconexão com o meio ambiente. Já em *Essa coisa viva*, a natureza assume um papel íntimo e psicológico, sendo refúgio emocional e ajudando a protagonista a ressignificar traumas. Ao destacar esses aspectos, a autora desafia as hierarquias antropocêntricas e propõe uma nova ética de coexistência, em que todas as formas de vida possuem agência e importância. Assim, ambas as obras demonstram o potencial da literatura para abordar a interdependência entre o humano e o não-humano e promover reflexões sobre conscientização e justiça ambiental.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea; Ecocrítica; Maria Esther Maciel; Natureza.

ABSTRACT: This article analyzes, from an ecocritical perspective, the natural elements in the works *O livro de Zenóbia* (2004) and *Essa coisa viva* (2024) by Brazilian author Maria Esther Maciel. The study investigates how the author gives voice and uniqueness to natural elements and establishes the interrelation between the environment and human experiences, emotions, and memories. Based on a theoretical framework grounded in the ecocritical principles of Garrard

(2006), Buell (1995; 2005), and Mukherjee (2010), as well as the concept of environmental memory proposed by Yi-Fu Tuan (1980) and Devos (2008), the work observes how plants, fruits, landscapes, and even animals not only compose the narrative setting but also shape character development and plot progression. In *O livro de Zenóbia*, lists of endangered plants are presented, broadening ecological awareness, while detailed descriptions of natural elements reinforce interconnectedness with the environment. In *Essa coisa viva*, nature takes on an intimate and psychological role, serving as an emotional refuge and helping the protagonist to reframe traumas. By emphasizing these aspects, the author challenges anthropocentric hierarchies and proposes a new ethic of coexistence, where all forms of life possess agency and significance. Thus, both works demonstrate the potential of literature to address the interdependence between humans and non-humans and to foster reflections on environmental awareness and justice.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Ecocriticism; Maria Esther Maciel; Nature.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura contemporânea tem mostrado cada vez mais interesse pela reflexão sobre a inter-relação entre humanos e a natureza, o que gera uma reavaliação das fronteiras tradicionais entre aquilo que é humano e não-humano. É a partir desse contexto que se estabelece a análise literária da Ecocrítica, que aplica conceitos da ecologia no estudo do texto literário (Rueckert, 1996, p. 107). Dentro desse cenário, a autora brasileira Maria Esther Maciel destaca-se por retratar animais, plantas e outros elementos naturais de forma única em suas produções literárias, como em *O livro de Zenóbia* (2004) e em *Essa coisa viva* (2024). Nessas obras a autora utiliza a natureza não apenas como cenário para o enredo, mas como parte integrante da vida e constituição das personagens, repensando a

(co)existência entre as personagens e o mundo natural. Partindo desses preceitos, este trabalho tem como objetivo analisar de que forma os elementos naturais são descritos nas obras *O livro de Zenóbia* e *Essa coisa viva* a partir do viés da ecocrítica, destacando os seus papéis na construção do enredo e das próprias protagonistas.

Embora a literatura sempre tenha refletido as complexas relações entre natureza, o humano e sociedade, a perspectiva de análise ecocrítica é um campo contemporâneo relativamente emergente no Brasil (Almeida, 2008; Brugioni; Melo, 2022). Trata-se de uma corrente desafiadora às narrativas tradicionais, propondo-se a abordar a “*relação entre literatura e o meio ambiente físico*” (Glottfelty, 1996, tradução livre) e a destacar as vozes e experiências de diferentes entidades, como animais e outros elementos naturais. Nesse contexto as obras *O livro de Zenóbia* e *Essa coisa viva* são narrativas que questionam a centralidade humana ao ampliar o enfoque e a subjetividade para além dos seres humanos. As duas obras trazem diversas descrições de interações entre humanos e não humanos – especialmente animais e plantas – em que a autora estabelece conexões e laços de afeto interespecíes essenciais para o desenvolvimento da trama. Os elementos não humanos ganham, com isso, uma subjetividade, como a própria Maciel (2023) aponta ao discorrer sobre o retrato dos animais em obras poéticas. É em razão disso que há o desafio à ideia de apenas o homem ocupar um lugar central e significativo no mundo natural, como será discutido a seguir.

O livro de Zenóbia, primeira obra de ficção de Maciel, retrata algumas recordações da infância e vida familiar e amorosa da protagonista Zenóbia, além de trazer listas de livros, palavras e flores prediletas da

personagem e até uma relação de aves que estão em perigo de extinção. Trata-se de uma obra com capítulos breves e um enredo bastante dinâmico que retrata, basicamente, a vida de uma mulher que vive no interior. A natureza desempenha, por meio de diferentes elementos, um papel essencial nas experiências da protagonista, com aves e plantas tomando parte ativa do enredo ao carregarem significados, emoções e memórias, como mostra o excerto “O vigor oculto de uma fruta delicada se dá ao ver no suco de jabuticaba. Uma vez na boca, parece que nos rapta a alma. Mas nada como um refresco de melão com melissa para acalmar as lágrimas” (Maciel, 2004, p. 91).

Já *Essa coisa viva*, obra mais recente de Maciel, traz a história de Ana Luísa, uma botânica que rememora momentos de sua vida quando completa um ano do falecimento de sua mãe, com quem mantinha uma relação bastante complexa e abusiva. A trama aborda temas como o impacto do trauma em sua vida, a violência emocional sofrida e a complexidade das relações humanas. Ao longo da obra, ainda que o foco esteja na relação mãe-filha e na identidade da protagonista, é notável a conexão desta com a natureza. Com uma linguagem bastante introspectiva e sentimental, Maciel escreve sobre a dor e constrói uma resignificação do passado empregando diversos elementos naturais, como plantas, animais e, até mesmo, paisagens na escrita.

Nas duas produções Maciel confere aos seres não humanos um espaço de destaque em suas narrativas ao explorar suas conexões com aquilo que é humano e ao dar voz a essas entidades. Em *Essa coisa viva* a autora apresenta elementos naturais, como árvores, pássaros e até frutas, que não apenas coexistem com os humanos, mas que têm suas

próprias histórias e vozes e que desempenham um papel importante no enredo. Já em *O livro de Zenóbia*, Maciel desenvolve uma narrativa em que a natureza e a vida humana estão intrinsecamente ligadas, de forma que os elementos naturais são relevantes para a narrativa e possuem até mesmo características humanas, como em “[...] os outonos precisavam dela” (Maciel, 2004, p. 127) e “**O céu**, de nuvens turvas, **me olhava**, como se minha não fosse a minha própria cara” (Maciel, 2004, p. 43, grifo próprio).

Tendo em vista o que foi exposto, este artigo busca explorar como Maria Esther Maciel estabelece a interconexão entre a natureza e o humano nas obras *O livro de Zenóbia* e *Essa coisa viva*. Por meio de análises fundamentadas, principalmente nas propostas de Yi-Fu Tuan (1980), Devos (2008), Mukherjee (2010) e Despret (2016), este artigo investiga como a autora dá voz a elementos naturais, conferindo-lhes subjetividade, e de que maneira são propostas novas formas de coexistência à medida que a autora subverte a visão antropocêntrica tradicional. A análise das obras apontadas procura, dessa forma, contribuir para os estudos desenvolvidos na perspectiva ecocrítica e para o debate sobre o lugar e papel da natureza na literatura.

2. ECOCRÍTICA: PERCEPÇÕES E CONVERGÊNCIAS EM *O LIVRO DE ZENÓBIA* E *ESSA COISA VIVA*

Por isso ela carrega na pele a cor de sua terra e sempre que experimenta uma fruta amarela, a memória lhe traz o gosto da manga e da laranja que lhe deixou a infância (Maciel, 2004, p.99).

Mas elas [as baratas] também devem ter seus motivos para serem, aos olhos humanos,

assim, tão nocivas e assustadoras. Talvez sejamos isso aos olhos delas também (Maciel, 2024, p. 9).

A ecocrítica é uma perspectiva literária crítica que analisa, de forma geral, as interações entre humanos e o mundo natural e como a natureza é retratada nas produções literárias. Segundo Garrard (2006), um dos primeiros e principais teóricos da área, a ecocrítica examina de que forma a produção literária reflete o lugar dos seres humanos no mundo natural e de que forma ela molda, ou até mesmo questiona, as concepções humanas sobre a natureza. É, portanto, uma abordagem que critica o antropocentrismo, pois reserva um papel de protagonista à natureza, que deixa de ser apenas cenário e pano de fundo para compor parte ativa da trama, com significados e relações singulares. Há o encorajamento, assim, de um olhar mais sensível e comunitário sobre o mundo natural e sobre o papel dos seres humanos nessa complexa relação, tendo em vista que natureza e cultura não devem ser vistas como domínios separados (Buell, 2005, p. 67).

O desenvolvimento da ecocrítica enquanto perspectiva de análise crítica literária, ganhou força da metade para o final do século 20 com a realização da Conferência da Biosfera, em 1968, e da Conferência da ONU para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, considerados marcos na busca pela consciência ambiental e desenvolvimento sustentável (cf. Campelo Junior; Wiziack, 2023). A perspectiva evoluiu, desde então, para incluir uma série de questões de conscientização da natureza, como o impacto das mudanças climáticas e a justiça ambiental. Para Lawrence Buell (1995), outro pioneiro na área, a ecocrítica não analisa apenas como a natureza é retratada, mas como a literatura

pode ressignificar a relação humano-natureza e influenciar atitudes que facilitam a consciência ambiental. Na literatura brasileira contemporânea, por exemplo, essa abordagem conecta-se diretamente a obras que tratam da interdependência entre humanos e o não humano, como aquelas de Maria Esther Maciel que são trabalhadas neste artigo.

A ecocrítica, dessa forma, é uma perspectiva que direciona o olhar para além da análise puramente do texto literário, conectando-o a questões éticas, sociais e ambientais. Buell (1995) também destaca, em seu trabalho, que a ecocrítica busca entender como a literatura pode despertar uma maior consciência ecológica e promover relações mais equilibradas entre os seres humanos e o meio ambiente. Segundo Mukherjee (2010), os textos literários pressupõem associações inevitáveis entre as experiências humanas e o mundo natural, o que ajuda na valorização da diversidade da vida. Além disso, (re)pensar a natureza como condição física essencial para qualquer prática cultural (Brugioni; Melo, 2022) faz da ecocrítica uma análise que examina práticas que prejudicam ou exploram o meio ambiente. Nota-se, portanto, que há um questionamento das hierarquias que colocam os humanos no topo, o que caracteriza a ecocrítica como uma perspectiva que critica o antropocentrismo. Essa visão, próxima às teorias de Glotfelty (1996) e ao pós-humanismo de Marchesini (2021), destaca a conexão das espécies com a natureza e propõe uma convivência mais equilibrada e responsável, desafiando a visão tradicional de dominação sobre a natureza, solicitando uma atenção às emergências ambientais atuais.

Nesse cenário de convivência mais equilibrada com a natureza, outro aspecto importante da ecocrítica é a valorização dada às vozes não humanas – como as de animais,

plantas e outros elementos da natureza – nos textos literários. Os diversos elementos naturais são tratados como agentes ativos das narrativas, uma vez que carregam subjetividade e significados próprios. Donna Haraway (2016, p. 7 e 126) cita a prática de “think-with other beings (pensar com outros seres)” ao mencionar a filósofa e teórica cultural Vinciane Despret, ajudando a entender como as narrativas podem quebrar barreiras entre humanos e os não humanos. A perspectiva de Despret (2016) desafia o pensamento antropocêntrico tradicional e promove a valorização das diferentes formas de vida ao destacar a relevância de todos os seres no planeta e reconhecer perspectivas e experiências dos seres não humanos, conferindo-lhes voz e uma certa autonomia. A própria Maciel (2023, p. 84) também discorre sobre essa sensibilidade ao tratar de seres não humanos, apontando que atribuir características e valores de humanos a animais, humanizando-os, é diferente de retratar suas emoções e vivências da forma que é sentida por eles. Na obra *O livro de Zenóbia*, por exemplo, a autora confere voz e reconhece a natureza ao dar vida simbólica a paisagens e diferentes elementos naturais que moldam a narrativa e interagem com a protagonista, como exemplificado a seguir:

Quando Zenóbia viu aqueles homens tristes marcando o boi como o ferro em brasa, ela não conteve em sua alma a mesma dor que o animal provava na carne. [...] Olhou para os olhos do boi desesperado e viu que neles tudo chamava à piedade, sem nada ocultarem do que até então segredavam (Maciel, 2004, p. 73).

É importante esclarecer que o termo “vida simbólica” é utilizado aqui para se referir à atribuição de singularidade e protagonismo aos elementos naturais dentro da narrativa.

Esses elementos deixam de ser apenas cenários ou objetos e passam a ter um papel ativo na história, simbolizando emoções, ideias ou valores que interagem com os personagens e influenciam os eventos da trama. Uma árvore, por exemplo, pode representar memória, resistência ou transformação, e um rio pode simbolizar mudança ou até mesmo instabilidade a ser preservada (cf. Moura; Barbosa Júnior, 2023). A "vida simbólica" transforma esses elementos em participantes significativos da narrativa, enriquecendo-a com significados que vão além do literal, conferindo-lhes relevância para a trama.

Os elementos naturais ganham mais notoriedade à medida que mudanças e calamidades climáticas severas se tornam mais frequentes, tornando necessário e importante encontrar meios de debater questões ambientais no intuito de conscientizar, pois, segundo Rueckert (1996), destruir aquilo não humano é destruir a própria humanidade. A análise ecocrítica mostrou que não é mais aceitável discutir a natureza como um mero conceito ou cenário nas produções literárias, mas, sim, como "uma 'entidade' que nos afeta e que podemos afetar, talvez fatalmente, se a maltratarmos" (Glottfelty, 1996). A partir desse excerto podemos verificar a característica de interconexão entre humanos e o ambiente físico e também a importância dada pela ecocrítica em explorar os desafios ecológicos e enfatizar a consciência e sustentabilidade ecológicas.

Outro ponto importante a ser mencionado é o fato de que os seres e as paisagens que surgem em produções literárias são representados muitas vezes, por meio de memórias, histórias ou sensações ligadas ao meio ambiente. Nesse contexto, Devos (2008) introduz o conceito de "memória ambiental", sugerindo que os elementos naturais carregam

experiências, histórias e interações que constroem a memória de um lugar. Em adição a esse conceito, Yi-Fu Tuan (1980) afirma que as pessoas desenvolvem sentimentos e emoções ligados ao lugar onde vivem. Essa conexão entre o ser humano, o ambiente ao seu redor e as memórias evocadas, despertam um senso de afeto e pertencimento ao local. Assim, a memória mostra-se não exclusivamente humana, já que abrange também as experiências de plantas, animais e paisagens e as transformações ambientais sofridas. Um exemplo de visualização desse conceito encontra-se em *Essa coisa viva*, quando são retratadas as conexões entre o ambiente e as emoções da protagonista e utilizam-se elementos naturais na reconstrução de memórias e experiências.

Como apontado nesta seção, as obras *O livro de Zenóbia* e *Essa coisa viva* figuram como importantes textos para questionar a centralidade do ser humano e investigar as interações e trocas entre seres humanos e não humanos. São histórias que valorizam a natureza como partes ativas do enredo, propondo uma reflexão sobre os laços de afeto e respeito na existência interespecies. A presença de animais e plantas ao longo das duas narrativas serve para evocar emoções e memórias das protagonistas, Zenóbia e Ana Luíza, ligando as experiências humanas das personagens ao mundo natural. Nas duas produções literárias, a autora faz uso de paisagens, animais e elementos naturais como símbolos ao retratar interações e lembranças das personagens.

Utilizar a perspectiva ecocrítica para essas obras permite, dessa forma, compreender de que modo a literatura contemporânea questiona as fronteiras entre o humano e o natural, propondo uma visão mais inclusiva e ética sobre o mundo natural. Diante

das reflexões apresentadas, o presente artigo discute como as obras mencionadas exploram a relação entre humanos e o mundo natural. Abordaremos, a seguir, de que forma as obras incorporam elementos que transcendem o papel de apenas cenário para atribuir significados e autonomia ao enredo. Nas próximas subseções serão aprofundadas essas discussões, com foco nos elementos de cada obra, investigando as conexões e inter-relações entre o humano e o não humano e como essas conexões contribuem para uma mudança da relação com a natureza.

2.1 O livro de Zenóbia

O livro de Zenóbia é uma narrativa fragmentada que conta a história de Zenóbia, uma bióloga e cronista que transita entre o mundo humano e o natural. A obra traz temas como memória e pertencimento e aborda diferentes relações, utilizando sempre a natureza como mediadora que permeia a vida da protagonista. A narrativa é construída como um mosaico de fragmentos, reflexões e experiências de vida da personagem Zenóbia, que se mostra uma observadora e registradora de experiências e memórias cuja existência está profundamente conectada ao ambiente ao seu redor.

Com uma linguagem carregada de simbolismos, Maria Esther Maciel toma os elementos da natureza como essenciais para compreender a protagonista, sua história, suas experiências e até mesmo sua subjetividade, exemplificado em “Seu fascínio pelas coisas tímidas nunca lhe permitiria ali plantar girassois, gerânios ou glicínias. Desde menina, era isso: gostava do estranho, do difícil” (Maciel, 2004, p. 67). A obra dialoga, assim, com conceitos da ecocrítica (cf. Mukherjee, 2010; Yi-Fu Tuan, 1980; entre outros) na medida em que pressupõe uma associação

inevitável de humanos com o ambiente e explora as formas como esse ambiente molda e é moldado pelas experiências e memórias da personagem. Nesse contexto, *O livro de Zenóbia* mostra-se uma obra fértil para uma análise ecocrítica, posto que a natureza desempenha um papel de protagonismo simbólico e narrativo, interagindo, de maneira ativa com a personagem e com o desenvolver do enredo, como exemplificado neste trecho: “E num dia de chuva, em meio a tuias e latânias, descobriu com ele [Amâncio] que há coisas (e pessoas) que não se deixam nunca” (Maciel, 2004, p. 59). Retirar esses elementos naturais da produção é desconstruí-la e dissolvê-la, já que o universo narrativo interliga elementos humanos e não humanos sem permitir a dissociação desses aspectos, como propõe o autor Mukherjee (2010). A seguir será examinado como Maciel constrói essa inter-relação ao conferir autonomia e poder aos elementos naturais.

É importante mencionar, inicialmente, que a própria constituição da obra mostra como a natureza desempenha papel essencial. Cada capítulo e subcapítulo são iniciados com um desenho de uma planta ou flor diferentes, criando uma conexão visual e temática entre a história e vida de Zenóbia com o mundo natural. Os desenhos não são meramente decorativos, mas um reflexo da importância das plantas na vida da protagonista, que enxerga a natureza como constitutiva da vida, assim como os desenhos são para o livro. É importante pontuar, também, que os desenhos utilizados por Maciel – produzidos por Elvira Vigna – são bastante realistas, trazendo folhas e raízes, por exemplo, sem dar um toque de desenho animado ou buscando embelezar, mas apenas retratando a planta como ela é de fato constituída. Ao utilizar esse recurso visual na história, a autora reforça a ideia de que a natureza compõe parte ativa da trama, com

papel relevante, assim como os desenhos são parte da produção literária.

Além de retratar os desenhos de plantas como parte constitutiva da narrativa, também é dado a elas papel importante no enredo. A relação de Zenóbia com as plantas não é de mera contemplação pela beleza, posto que a personagem as toma como portadoras de histórias, emoções e significados. Ao lembrar da morte de uma senhora por quem tinha carinho como se fosse sua avó, Zenóbia afirma “[...] ainda hoje em seu túmulo florescem dalias, sem que nunca tivessem sido ali plantadas” (Maciel, 2004, p. 29). A dália é uma flor que pode simbolizar esperança e bom gosto, o que mostra um conhecimento profundo da natureza por parte da personagem, que estabelece uma conexão e profundidade emocional da protagonista com sua avó adotada a partir da flor e outros elementos.

De forma semelhante, as frutas também são importantes elementos no livro, sendo constantemente associadas a memórias da protagonista e à nostalgia sentida com o local em que cresceu. No trecho “Chamei-as [as goiabas] pelo nome, li estórias para elas, cantei para que dormissem” (Maciel, 2004, p. 41), por exemplo, Maciel dá voz e singularidade ao elemento natural na medida em que eles interagem com a protagonista e participam da trama. Na obra *Essa coisa viva*, a autora (Maciel, 2024, p. 16-18) também faz uso de uma fruta – as mangas – como ponto de conexão da natureza com a protagonista, enquanto esta conversa com elas e encontra na fruta um ponto de apoio emocional e conexão mesmo em todo o trauma experienciado, o que será abordado na subseção seguinte.

No capítulo 7, “Os amores de Zenóbia”, ao comentar as relações amorosas de Zenóbia, a autora utiliza bastante referências de

elementos naturais para descrever momentos importantes, como o início e fim destas. No caso de Belmiro, o fim da relação deu-se no “primeiro solstício do ano” (Maciel, 2004, p. 57), quando Zenóbia o deixa. É importante mencionar que o solstício pode representar recomeço, posto que marca o início do verão ou inverno e o momento em que o sol atinge maior declinação em relação à linha do Equador, o que mostra a associação entre um momento de vida da protagonista com um período da natureza. Já com Amâncio, a protagonista percebeu que a relação era duradoura e valiosa em “[...] num dia de chuva, em meio a tulipas e talâneas” (Maciel, 2004, p. 59). As plantas são, dessa forma, utilizadas no excerto para marcar o momento em que Zenóbia percebe a importância da relação que teria ao final de sua vida. É preciso pontuar que a tulipa é um tipo de planta que costuma simbolizar a confraternização, o que evidencia a preocupação da autora em lançar uso de uma planta que apresentasse uma característica específica que simboliza aquilo que a protagonista estava a experienciar.

Essa utilização das plantas e frutos na narrativa reflete a ideia de que a natureza carrega uma “memória ambiental”, como proposto por Yu-Fu Tuan (1980) e Devos (2008), considerando que os elementos naturais carregam experiências sensoriais e interações que são retomadas na memória e que transcendem a experiência e memória humanas. Em *O livro de Zenóbia*, esse aspecto fica ainda mais evidenciado quando Maciel pontua que:

Zenóbia sabe que o lugar de nosso nascimento estará conosco até o fim. Por isso ela carrega na pele a cor de sua terra e sempre que experimenta uma fruta amarela, a memória lhe traz o gosto da manga e da laranja que lhe deixou a infância. Ou o fulgor cromático do açafrão moído e das espigas de

milho perdidas no horizonte (Maciel, 2004, p. 99).

Todos os trechos e momentos descritos reforçam o papel da natureza como algo que não apenas compõe o mundo das protagonistas das obras, mas que também ativa suas memórias e sensações. Outro aspecto marcante da obra é a inserção de uma lista de aves em perigo ao fim da produção. Essa lista não se limita apenas a informar, mas compõe a narrativa como um lembrete da necessidade de conscientização ambiental e da maior responsabilidade humana na preservação da natureza de uma forma indireta. Ao inseri-la na composição da obra, a autora alinha-se à preocupação da ecocrítica de vincular os textos a um “[...] projeto moral e político ‘verde’” (Garrard, 2006, p. 14), chamando a atenção para espécies ameaçadas de extinção.

Por fim, a lista de palavras preferidas de Zenóbia revela sua forte conexão com o mundo natural. Dentre algumas das palavras escolhidas, muitas estão relacionadas à natureza, como “estame”, “húmus”, “matilha”, “restinga”, “cigana”, “libélula” (Maciel, 2004, p. 145), destacando que até o vocabulário da protagonista é moldado por suas experiências e conexão com o ambiente. Essa lista é um detalhe da obra que reforça, mais uma vez, que a natureza não é apenas utilizada como cenário ou tema da narrativa, mas está profundamente refletida na identidade e linguagem de Zenóbia.

2.2 *Essa coisa viva*

Essa coisa viva aborda, de forma sensível, temas como memória, violência e trauma. A obra é centrada na complexa relação entre a protagonista e sua mãe, que se mostra durante

todo o enredo bastante abusiva. Para a protagonista Ana Luíza, o ambiente natural e seus elementos atuam como refúgios para os conflitos experienciados e os traumas, além de uma forma de se reconectar com seu passado. Durante a obra ela parte de elementos naturais – especialmente plantas e animais, como os insetos – para rememorar seu passado e refletir sobre laços e lembranças emocionais, como em “Aliás, nunca me esqueci do quintal e das plantas de nossa casa” (Maciel, 2024, p. 13) e “Apenas os bichos e as plantas me inspiraram segurança” (p. 21)

A autora analisa a natureza não apenas como um elemento constitutivo do cenário, mas como parte viva e relevante para o desenrolar da história. É dada voz aos seres não humanos na medida em que as memórias de infância da protagonista são recheadas de plantas e frutas – como mangas e goiabas –, que servem como fonte de conforto e também como uma forma de a personagem se relacionar com o mundo ao redor. As plantas, como as árvores do quintal, estão sempre presentes em sua vida, funcionando como um reflexo de seus sentimentos e carregando significados que suas palavras não conseguem expressar totalmente. A natureza deixa de desempenhar a função de apenas um cenário na história para representar uma conexão com Ana Luíza, ao resgatar memórias e lidar com traumas.

Em diversos momentos da obra é possível observar essas interações acontecendo e a relevância que elas apresentam para a personagem e para o enredo, como em “Passei meses amuada, chorando pelos cantos e, mais do que nunca, apegada às árvores e aos bichos do quintal” (Maciel, 2024, p. 19) e “E então, no meu desamparo, comecei a conversar com elas [mangas], enquanto alguns insetos pousavam

nas folhas ou nos meus braços [...]” (p. 17). Nestes casos, as árvores, seus frutos e os animais surgem como uma espécie de testemunha silenciosa de momentos difíceis e também como ouvintes da dor da protagonista. Esse retrato mais sensível da natureza é enfatizado por Maciel (2023, p. 84) ao pontuar que obras devem ser capazes de conferir aos animais “[...] a capacidade de sofrer, solidarizar-se, ter emoções, demonstrar medo, lutar pela própria vida e exercitar a sua inteligência” e não apenas atribuir características humanas a seres não humanos.

Em adição a essa conexão da personagem com a natureza, o livro também propõe que o conceito de vida não abarca somente o humano, mas inclui toda forma de existência, especialmente aquelas relacionadas ao meio natural. Como foi apontado, por toda obra há uma busca pela valorização de diferentes formas de vida, o que sugere uma relação estreita e bastante próxima entre os seres vivos. Assim, a narrativa não apenas desconstrói o antropocentrismo – reposicionando o humano –, mas também sugere um vínculo próximo de respeito e afeto com o mundo ao nosso redor. A obra explora, portanto, uma coexistência ética que se aproxima da visão ecocrítica de Garrard (2006) já mencionada. Esse aspecto é evidenciado em:

Meu interesse pelos insetos, pela vida urgente e obstinada que levavam nas pedras, folhas e buracos do quintal, só crescia. E eu lhes perguntava, em horas de desalento, como aprender a me salvar. Mas não se importam comigo. Afinal, o que uma menina de seis, quase sete anos, significava, senão a ameaça da crueldade que mais tarde se moveria contra eles? Não me conheciam o suficiente para saberem que eu continuaria incapaz, quando me tornasse adulta, de lhes fazer qualquer mal (Maciel, 2024, p. 21).

É possível verificar, na conversa da protagonista como os animais, especialmente os insetos, que eles representam a força e a persistência da vida mesmo em situações difíceis para ela. A protagonista, ainda criança, projeta nos insetos uma busca por consolo e orientação em meio ao desalento, compartilhando seu sofrimento com os seres vivos. A indiferença dos insetos, porém, é interpretada por ela como uma defesa desses animais contra a ameaça que os humanos representam – um comentário implícito sobre o comportamento humano prejudicial em relação ao meio ambiente. Além disso, as descrições de como eles se comportam no quintal da infância de Ana Luíza conecta-se a um dos princípios da ecocrítica: respeitar todas as formas de vida.

Essa fala da protagonista também destaca sua consciência e sensibilidade ao reconhecer que, apesar de sua conexão singular com os insetos, ela faz parte de uma espécie historicamente associada à destruição e exploração da natureza. Esse conflito entre empatia e culpa reflete os princípios da ecocrítica, que questiona o antropocentrismo e promove uma coexistência mais ética entre humanos e não humanos. O trecho explora, além disso, a ideia de memória: a protagonista acredita que nunca faria mal aos insetos mesmo quando adulta, o que sugere a convivência harmônica com esses pequenos animais mesmo no futuro. Além dos animais, é possível notar, durante a obra, que a protagonista também tem as árvores e frutas como alguém próximo e que, inclusive, a entende melhor que a maioria dos humanos com quem convive, como em: “Não tenho ideia de quantas vezes me escondi de você [mãe de Ana Luíza] nos galhos das árvores daquele quintal” (Maciel, 2024, p. 14) e “Ah, a

mangueira! Você [mãe de Ana Luíza] nem imagina como as mangas, verdes e maduras, foram importantes para minha vida [...]" (p. 16).

Esses elementos naturais na obra ganham um significado simbólico ao se relacionarem com as emoções da protagonista. As árvores, por exemplo, são apresentadas como testemunhas silenciosas de momentos de dor, mas também como fontes de acolhimento e conforto em meio aos conflitos com sua mãe abusiva. São diversos os momentos em que a protagonista cita animais e frutos e a importância desses elementos em sua história, como no caso em que cita que as mangas eram as únicas que a ouviam quando ela se sentia sozinha e necessitando atenção. A interação entre a natureza e Ana Luíza também revela como a narrativa questiona o antropocentrismo: árvores e insetos são tratados como entidades com agência e relevância, propondo uma convivência baseada no respeito e na conexão e desafiando hierarquias tradicionais.

A natureza pode, assim, ser tomada como uma personagem autônoma e importante para a história, possuindo um papel na vida da protagonista e intencionalidade no enredo. Ela passa a ser mais do que apenas um cenário para compor presença ativa e importante que molda a visão de mundo da personagem e o seu senso de cuidado com as diferentes formas de vida. Como apontado, Maciel traz, por meio de uma narrativa bastante pautada na memória e no trauma, interações entre seres humanos e animais e também entre seres humanos e seu ambiente físico, destacando a interconexão entre o humano e o não humano, uma visão alinhada aos princípios da ecocrítica.

De forma semelhante àquela feita em *O livro de Zenóbia*, Maciel alinha-se à preocupação da ecocrítica em expor as

injustiças ambientais e abordar a conscientização ambiental em *Essa coisa viva*. Ao discorrer sobre um momento da sua infância em que recebe uma bicicleta de presente, a protagonista da obra pontua o quanto gosta desse tipo de veículo. Além disso, ela também diz que espera que: "[...] se houver futuro para a humanidade que não seja o da sua própria extinção, as bicicletas tomem, soberanas, as ruas do mundo" (Maciel, 2024, p. 43). No trecho, o veículo ilustra um desejo por um mundo mais sustentável e ecológico, uma vez que o uso de bicicletas está associado à diminuição de gases e consequentemente um abrandamento do aquecimento global. Essa visão da personagem vai ao encontro das preocupações da ecocrítica quando trata da crise ambiental e também da necessidade de repensar práticas humanas prejudiciais à preservação do planeta, posto que Ana Luíza assume e enfatiza que a razão para a extinção e as calamidades ambientais é o humano, que pode vir a ocasionar sua própria extinção, como também apontado por Garrard (2006, p. 14) ao discorrer sobre os preceitos da teoria ecocrítica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das obras *O livro de Zenóbia* e *Essa coisa viva*, realizadas neste artigo, revelam como Maria Esther Maciel ultrapassa o foco e a hierarquia do humano para explorar a conexão profunda entre humanos e não humanos, alinhando-se, portanto, aos ideais da corrente ecocrítica. Em ambas as obras a autora atribui um papel ativo e simbólico aos elementos naturais, que deixam de apenas compor cenários para moldarem a identidade de personagens, fazerem parte das experiências humanas e ainda despertarem memórias afetivas. Esses livros demonstram como a literatura pode abordar questões subjetivas, como memória e trauma, e temas relevantes e

atuais, como a preservação ambiental e a justiça ecológica. Assim, a ecocrítica consolida-se como uma corrente essencial para analisar e produzir literatura contemporânea, na medida em que busca promover não apenas o entendimento, mas também a transformação do nosso papel no mundo natural.

Em *O livro de Zenóbia* são apresentadas listas de plantas ameaçadas de extinção, e descrições detalhadas de animais e outros seres vivos representam uma preocupação clara com questões ambientais e convocam o leitor a refletir sobre a exploração ambiental. Em adição a isso, os elementos naturais interagem diretamente com a protagonista e com o enredo, destacando a interdependência entre o humano e o não humano. Ao integrar esses elementos ao enredo e na vida da protagonista, a autora não só constrói um espaço em que os seres vivos coexistem de forma harmônica na natureza, mas igualmente amplia a conexão entre literatura e ecologia e atribui agência e voz aos elementos naturais da narrativa. Dessa forma, *O livro de Zenóbia* consolida-se como uma obra que transcende questões estéticas, engajando-se diretamente com questões ambientais e sociais na medida em que expõe injustiças ambientais e propõe uma coexistência saudável.

Como discutido nesse artigo, *Essa coisa viva* também é uma narrativa que destaca a conexão entre humanos e a natureza, rompendo as barreiras tradicionais e hierárquicas entre essas categorias. A relação da personagem com a natureza é retratada de forma bastante íntima e emocional, servindo como refúgio e fonte de força para Ana Luíza, e integra ainda diversas de suas memórias. Assim, a natureza é abordada como uma personagem ativa, não apenas como cenário, o que reflete o compromisso da obra com uma perspectiva pós-humanista, alinhada a ideias

de autores como Haraway (2016) e aos princípios da ecocrítica. Essa visão mostra que a literatura pode não apenas explorar temas e relações humanas, mas também propor uma nova ética de convivência que reconheça o valor de todas as formas de vida. Assim, a obra reforça o papel da literatura contemporânea em estimular uma maior consciência ambiental e social.

As escolhas narrativas apontadas neste artigo mostram como Maciel usa princípios ecocríticos para questionar a centralidade do ser humano e propor uma convivência mais ética e sensível com a natureza. Ao dar voz aos seres não humanos e desafiar hierarquias tradicionais, as obras aqui analisadas destacam-se como contribuições importantes para os estudos literários contemporâneos, especialmente no campo da literatura ambiental e ecocrítica. Maciel conecta memórias pessoais com questões ecológicas, levando o leitor a refletir sobre o impacto humano no meio ambiente e a reconhecer o valor de todas as formas de vida. Ao dar à natureza um papel significativo na história, as obras reforçam a ideia de que todos os seres estão conectados, contribuindo para uma nova ética de convivência e reflexão sobre o papel da literatura na conscientização ambiental e emocional, além de consolidar a ecocrítica como uma abordagem central nos estudos literários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira. Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica, em Graciliano Ramos e Miguel. In: ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira; AZEVEDO, S. L. M. (Orgs.). *Espaço interdisciplinar: literatura, meio ambiente e relações sociais*. Recife: Baraúna, 2008. p. 125-158.

BRUGIONI, Elena; MELO, Alfredo Cesar. *Ecocrítica: Literatura e Colapso Ambiental. Remate de Males*, Campinas-SP, v.42, n.2, pp. 254-259, jul./dez. 2022.

BUELL, Lawrence. *The environmental imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture*. Massachusetts: Harvard University Press, 1995, p.

BUELL, Lawrence. *The Future of Environmental Criticism: Environmental Crisis and Literary Imagination*. Malden, Blackwell Publishing, 2005.

CAMPELO JUNIOR, Marcos Vinicius; WIZIACK, Suzete Rosana de Castro. Educação ambiental e o movimento ambientalista: marcos históricos no Brasil. *Rev. Hist. UEG - Morrinhos*, v.12, n.2, e-222309, jul./dez. 2023.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se.... *Chão da feira*, v. 45, 2016. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-45-o-que-diriam-os-animais-se/>. Acesso em 20 de nov. 2024.

DEVOS, R. V. A memória ambiental nas narrativas de cronistas e “memorialistas”. *MOUSEION*, v. 2, n. 3, p. 65-90, jan./jun. 2008.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; (orgs). *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London: The Univ. of Georgia Press, 1996, p. XV-XXXVII.

HARAWAY, Donna Jeanne. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

MACIEL, Maria Esther. *O livro de Zenóbia*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

MACIEL, Maria Esther. *Zoopoéticas Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 88 p., 2023.

MACIEL, Maria Esther. *Essa coisa viva*. 1ª ed. São Paulo: Todavia Editora, 2024.

MARCHESINI, Roberto. “Sempre fomos pós-humanos”: filosofia pós-humanista e natureza humana. Trad. Moisés Sbardelotto. Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 2021.

MOURA, Adriano Carlos; BARBOSA JÚNIOR, Ronaldo Henrique. Paraíba de mim: uma leitura ecocrítica da obra de Lúcia Miners. *Vértices (Campos dos Goitacazes)*, v. 25, n. 2, e25219090, 2023. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v25n22023.19090..>

MUKHERJEE, Pablo Upamanyu. *Postcolonial Environments: Nature, Culture and the Contemporary Indian Novel in English*. Palgrave McMillan, 2010.

RUECKERT, W. Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. (ed.). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London: The University of Georgia Press, 1996. p. 105-123.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Lúcia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.